Artigo recebido em:

31.10.2017

Aprovado em:

19.06.2018

Mayara Araújo

Jornalista, mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará.

E-mail: jornalista.mayara@gmail.com

Edgard Patrício

Jornalista. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará.

E-mail: edgard@ufc.br

‘Viúvas do Veneno’: a valorização da subjetividade como indício de rupturas paradigmáticas no jornalismo

Mayara Araújo

Edgard Patrício

Resumo

O artigo analisa a reportagem *Abraçado comigo ‘Rodrigue’ dizia: ‘Mãinha’, não me deixe morrer*, do especial *Viúvas do Veneno*, publicado pelo jornal cearense *Diário do Nordeste*. Pressupondo a valorização da subjetividade como indício integrante de um conjunto de transformações no campo do jornalismo, pontuadas por autores como Charron e Bonville (2016) e Medina (2014), o estudo pretende perceber como a subjetivação se revela no texto e nas práticas discursivas jornalísticas da reportagem selecionada. Para tanto, faz-se uso da Análise do Discurso Crítica, proposta por Fairclough (2001), que apreende os discursos de forma tridimensional: texto, prática discursiva e prática social. A partir da análise, conclui-se que a reportagem utiliza procedimentos textuais e locacionais da informação para orientar a produção jornalística em direção à sua subjetivação, na perspectiva do paradigma do jornalismo de comunicação.

Palavras-chave: Jornalismo. Subjetividade. Transformações.

‘Viúvas do Veneno’: the valuation of subjectivity as an indication of paradigmatic ruptures in journalism

Abstract

This article analyzes the report *Abraçado comigo ‘Rodrigue’ dizia: ‘Mãinha’, não me deixe morrer*, from the special series *Viúvas do Veneno*, published by the newspaper *Diário do Nordeste*. Assuming the valorization of subjectivity as an evidence included in a set of transformations in the field of journalism, punctuated by authors such as Charron and Bonville (2016) and Medina (2014), this research intends to realize how subjectivation reveals itself in the selected report's text and its discursive journalistic practices. To do so, we use the Critical Discourse Analysis, proposed by Fairclough (2001), which apprehends the three-dimensional discourses: text, discursive practice and social practice. From the analysis, it is concluded that the report uses textual and locational information procedures to guide the journalistic production towards its subjectivation, from the perspective of the communication journalism paradigm.

Keywords: Journalism. Subjectivity. Transformations.

É tempo de revisar princípios: introdução

Em abril de 2013, o jornal cearense *Diário do Nordeste* publicava o especial *Viúvas do Veneno*, sobre o uso indiscriminado de agrotóxicos em plantações brasileiras. Entre as muitas possibilidades de angulação, o repórter Melquíades Júnior opta por não apenas informar sobre o comércio ou os efeitos dos defensivos no corpo humano, mas, também, narrar histórias de luta, indignação e saudades, sob a perspectiva das viúvas de trabalhadores rurais cujas mortes tiveram relação com o uso prolongado e intensivo dos agrotóxicos.

Na geografia do especial, fontes oficiais, números e infográficos – elementos mais objetivos – não coabitam com as histórias de vida das viúvas, pelo contrário: constituem um terreno outro. Para cada discurso, um relevo distinto: as informações objetivadas habitam as páginas pares, vales por onde os dados escoam; já nas montanhas do projeto gráfico, as páginas ímpares (reconhecidas por atrair prontamente o olhar dos leitores), residem as histórias de Maria, Gerlene, Helena, Sueli e de Marizaldo, o único viúvo da série. Nessas matérias, o repórter abandona o *lead*; muitas vezes, confunde sua voz com a das fontes; e prioriza as sensações ao detalhamento do fato.

Essa espécie de afrouxamento de normas jornalísticas como a objetividade e a imparcialidade é fragmento de uma cadeia de transformações no campo do jornalismo. Para Charron e Bonville (2016), testemunhamos um período de transição paradigmática, quando a conduta dos jornalistas e os procedimentos corriqueiros de apuração, escrita e edição, muitas vezes, já não dão conta da apreensão da realidade. É preciso revisar os métodos, já que a realidade também se apresenta distinta. Para os autores, essa adoção de novas práticas, em geral, dá-se por experimentalismos e mimeses.

No exercício cotidiano do seu ofício, o jornalista tende a reproduzir naturalmente as regras usuais do jornalismo (...). Mas acontece algumas vezes que circunstâncias inusitadas o incitem ou convidem a inovar, adotar um comportamento que se desvia ligeiramente da prática usual. Tal inovação, que se afigura como precedente, se for imitada pelos outros e assim se estender o bastante no tempo e no espaço, pode tornar-se uma nova regra. (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 48)

Charron e Bonville (2016) distinguem quatro períodos em que as práticas jornalísticas passaram por transformações paradigmáticas: *jornalismo de transmissão* (meados do século XVIII), *jornalismo de opinião* (século XIX), *jornalismo de informação* (início do século XX) e o mais recente: *jornalismo de comunicação*, perceptível a partir das décadas de 1970 e 1980. Neste último, a prática jornalística se caracteriza pela multiplicação dos suportes midiáticos, pela busca de novos mercados e por uma superabundância de ofertas. Diante desse contexto, como estratégia de diferenciação, os jornalistas estariam investindo na aproximação com os leitores.

Os jornalistas deixam transparecer mais abertamente sua subjetividade e tentam estabelecer com o público, cada vez mais ‘especializado’, laços de convivência e de intersubjetividade. Os gêneros jornalísticos que dão amplo espaço ao comentário estão em nítida ascensão. (...) O hibridismo entre o discurso de imprensa e as outras formas do discurso midiático é tolerado, até mesmo encorajado: a ficção se mistura à realidade. (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 30)

Ao discutir a dicotomia objetividade/subjetividade, Bucci (2000) utiliza o termo intersubjetividade como uma espécie de acordo entre as partes: “a objetividade depende de quem for o jornalista e de qual for a história a ser investigada

e contada. A melhor objetividade no jornalismo é, então, uma justa, transparente e equilibrada apresentação da intersubjetividade” (BUCCI, 2000, p. 93). Essa proposta de adoção condicional da objetividade se coaduna com o que Japiassú (1987), no campo da epistemologia, conceitua como objetivação, que seria “uma objetividade aproximada ou um esforço de conhecer a realidade naquilo que ela é e não naquilo que gostaríamos que ela fosse” (JAPIASSÚ, 1987, p. 43).

Para Bucci (2000), intersubjetividade está relacionada, ainda, à compreensão do produto jornalístico como construção coletiva: “O jornalista é portanto um sujeito falando de outro sujeito para um terceiro sujeito. Ou é um sujeito falando com outro sujeito sobre um terceiro. E um quarto. Rigorosamente, então, o jornalismo não tem objetos – só tem sujeitos” (BUCCI, 2000, p. 93).

Circunscrevendo esse debate ao cenário do jornalismo de comunicação, o que percebemos é uma ruptura da primazia da objetividade, substituída pela ideia de objetivação – que sugere a percepção do conceito enquanto ferramenta, que pode ou não ser utilizada, e enquanto tentativa, esforço, e não meta incondicional – e uma valorização da subjetivação, aqui também percebida como ferramenta, mas não apenas limitada à dimensão textual (estilística): espraia-se pelas rotinas produtivas e pela conduta jornalística, pois trata da humanização do processo, da construção de um jornalismo de sujeitos e para sujeitos. Ou ‘com’ sujeitos.

Esse fenômeno de transgressão do discurso a partir da subjetivação integra um extenso percurso de diálogos entre jornalismo e literatura, campos que se “aproximam, interagem, afastam-se, afetam-se, transformam-se mutuamente” (LIMA, 2009, p. 173). Aproximações estas evidentes em momentos como o ‘jornalismo gonzo’ (RITTER, 2016; LACERDA, 2009; THOMPSON, 2004), em que ocorre o envolvimento pessoal do repórter na produção da matéria; que antecede o *New Journalism*, na década de 1960, nos Estados Unidos (PENA, 2007; WOLFE, 1976); e que chega mesmo ao Brasil, influenciando publicações como ‘O Pasquim’ (KRETTE JR., 2010).

Na contemporaneidade, a valorização da subjetivação está presente no trabalho cotidiano de diversos jornalistas brasileiros, como Eliane Brum (cujos textos publicados em periódico foram posteriormente compilados em *A vida que ninguém vê*, de 2006), Christian Carvalho Cruz (autor de *Entretanto, foi assim que aconteceu* (2011), também uma compilação de textos jornalísticos já publicados) e Demitri Túlio (cearense reconhecido pelo especial *Expedição Cocó: 1000 dias na floresta*).

A subjetivação é ainda protagonista dos estudos de Medina (2014) sobre as narrativas da contemporaneidade. A pesquisadora compreende esse cenário de transformações como momento de revisão de princípios canônicos do jornalismo, como a objetividade e a imparcialidade, e de se assumir um fazer jornalístico que abraça a contradição, a pluralidade de vozes – que se afeta. Medina (2014) aborda esta espécie de transição do jornalismo de explicação ao jornalismo de compreensão dos sujeitos.

Segundo a autora, a matéria interpretativa “passou, ao longo das últimas décadas do século passado à atualidade do século XXI, por inúmeras crises” (MEDINA, 2014, p. 39) e, entre elas, está posta a crise da noção racionalista do jornalismo. “Os narradores da contemporaneidade abdicam então da arrogante divulgação de realidades e de protagonistas preestabelecidos na generalização plana e linear” (MEDINA, 2014, p. 44), dando lugar à sensibilidade e a fontes não-convencionais, não-oficiais, complexas.

Quando se constrói um personagem ou uma história de vida, as fronteiras do real e do imaginário se borram. O método do questionário em uma entrevista, com a pré-pauta estabelecida e os resultados previsíveis, cai por terra na interação humana criadora de um encontro sem cartas marcadas. Também a crença de um rigor profissional que chegue à fidelidade objetivista, em última instância a uma única verdade, só persiste em atitudes arrogantes (MEDINA, 2014, p. 43)

É nesse contexto de aproximações entre jornalismo e literatura, de jornalismo de comunicação e de subjetivação da linguagem que acreditamos está inserido o especial *Viúvas do Veneno*.

Quando escrita e contexto coabitam: caminho metodológico

Para Charron e Bonville (2016), as transformações paradigmáticas às quais o campo do jornalismo atravessa são perceptíveis no texto e por meio do texto, como reforçam posteriormente: “A estrutura de um texto de notícia, (...) o léxico a ser empregado e, sobretudo, a não ser empregado (...). Tudo isso faz parte de regras tácitas cuja existência só aparece, de modo indireto, quando elas são textualmente transgredidas” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 69). Os autores, assim como Medina (2014), articulam o campo do discurso jornalístico com as práticas e as diversas forças que não apenas o orbitam, mas que incidem sobre ele. Nesse sentido, o conceito de discurso se aproxima do proposto por Fairclough (2001). O autor defende a necessidade de uma síntese entre estudos de linguagem e pensamento social.

Fairclough (2001) lança mão de Michel Foucault para construir sua proposta metodológica, sobretudo, porque “os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’ (...) e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22). Além disso, o psicanalista atenta para a forma como os discursos estão inseridos no curso da História e como diferentes discursos se combinam em condições sociais peculiares para produzir um novo e complexo discurso.

Para Fairclough (2001), o discurso, portanto, é elemento constituinte e não só constituído – colabora para a construção de identidades sociais, de relações sociais entre as pessoas e de sistemas de conhecimento e crença – e possui uma dimensão ‘tridimensional’: “Qualquer ‘evento’ discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22). Importante ressaltar que a análise desses três aspectos se dá separadamente muito mais por uma questão didática, uma vez que se tratam de partes intercambiantes de um todo.

Na dimensão do texto, Fairclough (2001) analisa as costuras internas do objeto:

(...) a análise textual pode ser organizada em quatro itens: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. (...) Além disso, distingo três outros itens principais que não serão usados na análise textual, mas na análise da prática discursiva, embora certamente envolvam aspectos formais dos textos: a ‘força’ dos enunciados, isto é, os tipos de atos de fala (promessas, pedidos, ameaças, etc.) por eles constituídos; a ‘coerência’ dos textos; e a ‘intertextualidade’ dos textos. (FAIRCLOUGH, 2001, pp. 103-104)

Os quatro itens seguem uma ordem crescente de complexidade: o ‘vocabulário’ se detém à palavra; a ‘gramática’ atenta para as orações, à costura entre os termos; a ‘coesão’ percebe “como as orações são ligadas em frases e como as frases, por sua vez, são ligadas para formar unidades maiores” (FAIRCLOUGH, 2001, pp. 105-106), e a ‘estrutural textual’ foca na arquitetura dos textos. Na dimensão da prática discursiva, o analista se dedica a perceber os “processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos” (FAIRCLOUGH, 2001, pp. 106-107). O autor, inclusive, detalha essa etapa usando como exemplo a produção jornalística:

(...) um artigo de jornal é produzido mediante rotinas complexas de natureza coletiva por um grupo cujos membros estão envolvidos variavelmente em seus diferentes estágios de

produção - no acesso a fontes, tais como nas reportagens das agências de notícia, na transformação dessas fontes (...) na primeira versão de uma reportagem, na decisão sobre o local do jornal em que entra a reportagem e na edição. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 107)

Já a prática social se constitui terreno em que hegemonia e poder atravessam o objeto analisado. Para o autor, hegemonia é “a construção de alianças e a integração, muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões nos meios ideológicos para ganhar seu consentimento” (FAIRCLOUGH, 2001, p.122). Fairclough (2001) associa, portanto, a luta hegemônica a uma negociação constante, que se reflete e constrói em todas as dimensões do discurso, justamente porque em todas elas o aspecto ideológico está presente.

A ideologia é compreendida aqui como elemento responsável por negociar essas relações de dominação e por articular as dimensões social e discursiva, principalmente, interferindo não apenas na reformulação de discursos, mas nos modos de produzi-los:

(...) minha referência à transformação aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

Esta tridimensionalidade de Fairclough nos parece dialogar com a forma como Charron e Bonville (2016) organizam o conjunto de regras constituinte do paradigma jornalístico. Segundos os autores, o paradigma é composto por um saber comum, que seria um repertório de referências, adquirido a partir da experiência dos repórteres e da imitação – algo como a ‘doxa jornalística’ – e por um conjunto de regras, que podem ser classificadas em semânticas, procedimentais ou normativas. As semânticas estão relacionadas ao processo de “seleção e interpretação das informações” (CHARRON E BONVILLE, 2016, p. 75), próprias do ofício do editor; as procedimentais estão ligadas às rotinas de apuração e de organização dos dados – entrevistas, pesquisas; já as normativas dizem respeito ao comportamento dos profissionais: como eles se relacionam com as suas fontes, como lidam com dilemas éticos, por exemplo.

Ao ser percebido como texto, o ‘evento discursivo’ é analisado linguisticamente, assemelhando-se às regras semânticas; como prática discursiva, coaduna-se com a categoria procedimental, evocando “a natureza dos processos de produção” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22); já como prática social, avaliam-se “as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22) – do mesmo modo, as regras normativas tratam do comportamento profissional e das relações estabelecidas pelo repórter enquanto veículo de comunicação.

Assim sendo, inferimos que, tanto para Fairclough (2001) quanto para Charron e Bonville (2016), a percepção integral do discurso jornalístico (e de suas transformações) se dá à luz dessa perspectiva tridimensional – texto, prática discursiva e prática social. É dessa forma que pretendemos perceber o especial *Viúvas do Veneno*, investigando, a partir do discurso, de que modo as escolhas da equipe de reportagem revelam uma alternância entre objetivação e subjetivação ao longo da narrativa e o inserem no contexto do jornalismo de comunicação.

As histórias de vida informam: apresentando o especial

Entre os dias 17 e 20 de abril de 2013, o especial *Viúvas do Veneno*, publicado pela editoria Regional do jornal cearense *Diário do Nordeste*, abordou histórias de

contaminação e morte de trabalhadores rurais expostos ao uso de agrotóxicos. O caderno é composto por uma matéria de abertura (uma espécie de editorial) e três reportagens, no dia 17; uma matéria de repercussão, no dia 18; quatro reportagens e uma capa com fotolegenda, no dia 19; e três reportagens e uma capa com fotolegenda, no dia 20. Durante 15 dias de apuração em campo, foram percorridos mais de seis mil quilômetros entre Pernambuco, Ceará, Paraíba, Bahia e São Paulo. *Viúvas do Veneno* é oriundo, ainda, de um ano de pesquisas e contatos com as fontes por parte do jornalista, mas é, sobretudo, o fechamento de 11 anos de envolvimento de Melquíades Júnior com o tema. Em 2002, segundo Melquíades relata na matéria que abre o especial, o jornalista já sabia das ameaças sofridas pelo agricultor e líder comunitário José Maria Filho (Zé Maria do Tomé), na Chapada do Apodi (CE).

Esta série não começa agora, mas há sete anos, em Limoeiro do Norte, cidade de José Maria Filho, uma das fontes exclusivas entre os moradores e lideranças na Chapada do Apodi. Sabíamos, dois anos antes, das ameaças de morte que sofria por denunciar a pulverização aérea em um dos maiores polos fruticultores do Nordeste. Mesmo assim, ele insistia em não se calar. Quando foi assassinado, a comunidade de Zé Maria não se calou e os cientistas constataram as doenças causadas pelo veneno denunciado (JÚNIOR, 2013, p. 1).

De 2004 a 2013, o repórter segue publicando notícias sobre o tema, seja no jornal ou no blog *Diário Vale do Jaguaribe*, hospedado no portal do *Diário do Nordeste*. Os conteúdos se tornam mais frequentes a partir de 2008, quando o uso de agrotóxicos na região se converte em tragédias. Naquele ano, os trabalhadores Valderi Rodrigues e Vanderley Matos da Silva falecem por complicações relacionadas ao manuseio do veneno, segundo os laudos médicos de ambos. Em matéria de 2011 para o blog, Melquíades divulga uma foto exclusiva de Valderi, já com uma das pernas amputadas.

A foto ao lado eu fiz meses antes da morte de seu Valderi. Ele foi contratado de forma temporária e emergencial para fazer a aplicação de agrotóxicos na plantação de banana de uma grande empresa agrícola. Não havia Equipamentos de Proteção Individual (EPI) suficientes para todos, então em uma das aplicações contaminou-se um dos dedos do pé, depois o pé, em seguida metade da perna, depois a perna inteira, depois a outra. Valderi morreu. A empresa alegou que não tem qualquer responsabilidade sobre a doença. Alegou que o trabalhador rural sofria de diabetes, que seria a causa do mal que o atacou. Laudos médicos atestam o contrário. Até hoje a família do trabalhador briga na justiça por direitos que lhe teriam sido negados. (JÚNIOR, 2011, online)

Viúvas do Veneno é publicado cinco anos depois da morte de Valderi e de Vanderley, período durante o qual Melquíades segue mantendo contato com as famílias e com estudos científicos na Chapada do Apodi, segundo nos afirmou em entrevistas.

Além do acompanhamento intenso e extenso às fontes, destacam-se na produção do especial as escolhas narrativas do autor, que ajudam a revelar elementos próprios da dimensão textual e da prática discursiva. Desde 2004, quando Melquíades começa a escrever sobre contaminação por agrotóxicos, aborda o tema através de notícias e reportagens com estruturas convencionais, objetivadas, cujo foco se orienta aos acontecimentos factuais. Em *Viúvas do Veneno*, no entanto, opta por, de fato, contar histórias, valendo-se de recursos próprios da literatura e conferindo protagonismo a fontes específicas - essas são apenas algumas das características perceptíveis através da análise textual que empregaremos a seguir.

Leituras nas entrelinhas: análise textual

A reportagem *Abraçado comigo 'Rodrigue' dizia: "Mãinha", não me deixe morrer*, a primeira com características textuais de subjetivação, localiza-se na ter-

ceira página do especial. É antecedida por uma matéria de capa, intitulada *Silêncio e dor se multiplicam nos campos brasileiros*, que funciona como uma espécie de editorial, apresentando o conjunto de reportagens e justificando sua produção; e por outra matéria, com tratamento mais objetivo (*Brasil registra aumento de mortes por agrotóxicos*), que reforça a intenção de justificativa da capa e traz os primeiros dados: números mais recentes de mortes por intoxicação no Brasil e em que regiões esses óbitos são mais recorrentes.

Chegando ao objeto de análise propriamente, desde o título, revelam-se elementos de ruptura com o que vinha sendo produzido no especial até então. O que se adianta para o leitor no título *Abraçado comigo 'Rodrigue' dizia: "Mãinha, não me deixe morrer"* é o testemunho máximo da viúva: a agonia do esposo, parindo as dores da morte – isso a partir de uma aspa dela, com traços do seu “modo de ser, mo’ dizer”. As expressões ‘Rodrigue’ e ‘Mãinha’ são indícios disso. Sobre a construção plural da língua, Fairclough (2001) defende: “tem valor limitado conceber uma língua com um vocabulário que é documentado ‘no’ dicionário, porque há muitos vocabulários sobrepostos e em competição correspondendo aos diferentes domínios, instituições, práticas, valores e perspectivas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 105). O uso da palavra ‘mãinha’ ilustra ricamente essa percepção do vocabulário como obra e construtor.

A palavra é citada pela fonte e assimilada durante o processo da entrevista. Origina-se, pois, no seio de um repertório próprio de Maria, de sua comunidade, inserido em um tempo e espaço específicos. Ao, no entanto, levar a citação para o título da matéria, o repórter faz uma escolha que desemboca nas segunda e terceira dimensões do discurso: a valorização da oralidade da fonte diz da prática discursiva do jornalista, de uma subjetivação adotada na apuração (ainda que o uso das aspas indique que uma valorização cautelosa, pois reforça ‘mãinha’ e ‘Rodrigue’ como palavras externas à norma culta, forasteiras).

Esta cautela do repórter é perceptível ainda na objetividade presente em peças textuais que margeiam a narrativa principal, como a legenda, o subtítulo e o quadro explicativo, intitulado ‘evolução da doença’. Neles, a voz do repórter surge distinta da que ressoa na reportagem. Nesse sentido, ao tratar de coesão textual, Fairclough (2001, p. 106) fala sobre a existência de “diferentes modos de racionalidade” (p. 106), que se modificam “à medida que mudam as práticas discursivas” (p. 106). Acreditamos que essa mudança de racionalidade é o que acontece nas peças citadas: a voz do repórter na legenda da foto (“Maria viu o marido morrer em seus braços depois de muito sofrimento” (JÚNIOR, 17/04/2013, p. 3)) e no subtítulo da matéria (“Trabalhador de Polo agrícola na Chapada do Apodi morre sem ter os direitos assegurados” (JÚNIOR, 17/04/2013, p. 3)) não é a mesma que narra a saga de Valderi e Maria. Não enuncia igual, revelando assim uma variação discursiva – motivada, possivelmente, por questões objetivas, como a limitação de caracteres (determinada pelo projeto gráfico), mas também pela necessidade de polifonia demandada pelo texto. Neste caso, polifonia não implica apenas diferentes vozes de fontes interagindo na reportagem, mas na ideia de um mesmo repórter com múltiplos ‘modos de dizer’ (MEDINA, 2014).

Essa variação nos ‘modos de racionalidade’ dialoga com a distinção proposta por Medina (2014) entre autor e narrador. Para a pesquisadora, “diferentemente do autor, [o narrador] não está no domínio da realidade (pessoa concreta) e sim, constitui uma instância literária. (...) Autor, personalidade real; narrador, criação literária de quem conta uma história” (MEDINA, 2014, pp. 20-21). Assim, é como se Melquíades alternasse entre discursos e racionalidades: a do jornalista – sucinto, objetivo, informativo – e a do narrador – subjetivo, onisciente, poético, e, sob essa perspectiva, priorizasse nesta reportagem a voz do narrador à do jornalista.

A combinação de vocabulários de um campo semântico comum é, também, uma estratégia usual de manutenção da coesão de um discurso, segundo Fairclough (2001). Dando sequência à análise, já nos primeiros parágrafos do texto, o repórter

¹‘Modo de ser, mo’dizer’ é a expressão que intitula a tese de doutorado de Cremilda Medina, na qual explora, entre outros, a importância de se adotar os falares das fontes. A autora aborda essa questão em artigo produzido para o livro *Aventuras da Memória*: “O criador da assinatura polifônica e polissêmica se projeta, sem rede de proteção, à escuta do modo de ser, mo’dizer (título de minha tese de doutorado, em 1986) dos que nos cercam nas suas diferentes identidades culturais. Não há como se despir de dogmatismos e criar literalmente narradores descentralizados, se não se pesquisam falares, comportamentos, visões de mundo, imaginários que em muito ultrapassam a impessoalidade declaratória da fonte de informação tradicional” (MEDINA, 2014, p. 22)

(aqui, narrador) transporta, pelo vocabulário, o leitor ao ambiente popular da narrativa. Não chega, no entanto, a adotar termos particulares (como ‘mãinha’), mas expressões cotidianas, próprias do tempo e do lugar das fontes: ‘a cerâmica’ (JÚNIOR, 17/04/2013, p. 3) em vez de ‘a fábrica de cerâmicas’; ‘bota mais de dez pra fora’ (p. 3), referindo-se às demissões; ‘o dia pra saber se vai dar certo’ (p. 3), sobre a admissão no emprego; ‘lavar roupa pra fora’ (p. 3), pagar o aluguel ‘com um mês dentro’ (p. 3). Elas, combinadas às informações espaço-temporais (como ‘na Cidade Alta, Limoeiro do Norte’ (p. 3) ou ‘na Chapada do Apodi’ (p. 3)), ajudam a imergir o leitor na história.

Do ponto de vista da prática discursiva, alguns dos trechos deste primeiro parágrafo revelam outra característica recorrente na produção de Melquíades: a presença do que estamos chamando de narrativas indiciais – histórias de contexto, anteriores e externas à principal, que existem para localizar a narrativa, mas que não serão detalhadas pelo repórter. Esses excertos vão de encontro ao princípio jornalístico de averiguação das versões da fonte e de objetividade, mas são muito presentes em narrativas orais. Quando se lê: “Valderi fica desempregado quando a cerâmica bota mais de dez pra fora” (JÚNIOR, 17/04/2013, p. 3), não há detalhes sobre o processo de demissão, o tempo de serviço do empregado, nem mesmo o nome da fábrica de cerâmicas ou o sobrenome de Valderi. O mesmo acontece no terceiro parágrafo, quando apenas pincela sobre os relacionamentos anteriores do casal: “Os dois vêm de outros divórcios. Ele largou a esposa e ela foi largada pelo marido” (JÚNIOR, 17/04/2013, p. 3). Na flanação discursiva do narrador, abrem-se veredas estreitas ao pé da trilha larga, deixando rastros que poderão ou não ser retomados pelo andarilho.

As marcas de um narrador onisciente estão por toda parte. É ele quem conduz os leitores para o primeiro dia de trabalho de Valderi na plantação de bananas (“Coloca a bomba nas costas, com o veneno preparado por outros colegas, e vai pulverizando” (JÚNIOR, 17/04/2013, p. 3)) e os convida a testemunharem até mesmo o primeiro banho do agricultor depois da labuta: “Dos cascalhos que descem no chuveiro, o primeiro é veneno, depois o suor do dia e, enfim, está limpo” (JÚNIOR, 17/04/2013, p. 3).

O uso do tempo verbal no presente, outra característica recorrente, fortalece a incidência do narrador onisciente, conferindo dinamismo e reavivando as cores da memória. No quinto parágrafo, lê-se uma sobreposição de tempos presentes: “Ainda tá muito feio, em carne viva”, nota Maria” (JÚNIOR, 17/04/2013, p. 3). A protagonista não nota a gravidade do ferimento no momento da entrevista, muito menos no agora em que o leitor acessa a reportagem, mas num presente outro, impreciso, poucos dias antes do retorno de Valderi para retirar os pontos. Mas a lembrança vivifica o acontecimento, emerge dos confins da memória, conferindo *status* de agora.

Ainda sobre a relação tempo e narrativa, ao detalhar a evolução da doença, o narrador deixa de lado a precisão jornalística e adota como marcadores temporais da história as perdas físicas de Valderi, numa clara substituição de elementos textuais objetivos por subjetivos. Nos quinto e sexto parágrafos, há vários deles: “No dia de tirar os pontos” (p. 3), “Com dois meses de quando perdeu o primeiro dedo” (p. 3), “passados três anos de quando duas muletas substituem o pé direito” (p. 3). Percebe-se ainda que, enquanto narrador onisciente, o repórter se dá a liberdade de afrouxar as fronteiras entre informação e opinião (marca do jornalismo de comunicação de Charron e Bonville (2016)), fazendo inferências acerca da realidade, ainda que possivelmente pautadas nos relatos colhidos no processo de apuração. Em “chega em casa como quem repõe a cruz no ombro” (p. 3), no penúltimo parágrafo, e no trecho final da reportagem (“Sem saber de onde tira força, coloca sozinha o homem na rede, ele pesando o dobro dela. O choro abraçado dos dois é a despedida. Valderi não sente mais dor. Só Maria” (p. 3)) é possível notar essas marcas. Expressões como ‘repõe a cruz dos ombros’, ‘sem saber de onde tira força’, ‘pesando o dobro dela’ e ‘Valderi não sente mais dor. Só Maria’ comprovam essa travessagem do jornalista pelas fronteiras dos gêneros, qualificando momentos vividos pelas fontes.

Esse borramento entre as vozes do repórter e das fontes acontece ainda no seguinte trecho do sexto parágrafo: “Num dia para se esquecer, Maria chega do trabalho e Valderi está no chão, rolando de parede a outra, numa tentativa de suportar a dor” (p. 3). A quem pertence a frase ‘Num dia para se esquecer’? O repórter infere que se trata de um dia a ser esquecido ou Maria confessou isso a ele durante a apuração? A ocorrência pode ser interpretada como uma marca opinativa do narrador onisciente, já detectada em outras passagens.

Um longo caminho a percorrer: considerações finais

Após a análise de *Abraçado comigo* ‘Rodrigue’ dizia: “‘Mãinha’, não me deixe morrer”, algumas características (a saber: presença do narrador onisciente; uso do presente como tempo verbal predominante; imprecisão das informações como consequência da priorização do fluxo narrativo; adoção dos modos de dizer da fonte; reposicionamento de informações objetivas para as margens da narrativa;) se apresentam como borramentos de fronteiras: entre objetividade e subjetividade, informação e opinião, entrevistador e entrevistada.

Valendo-nos dos conceitos firmados por Charron e Bonville (2016), tais elementos suscitam um rompimento com os modos convencionais de apreensão da realidade. Os autores pontuam, categóricos: “o jornalismo não pode, sem deixar de existir, escapar dessa imposição essencial: representar o real” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 188), sob o risco de “se negar como prática discursiva específica” (CHARRON; BONVILLE, 2016, pp. 188). O trato da realidade, porém, pode se dar de modos diversos: “da deferência à crítica, da objetividade à subjetividade” (CHARRON; BONVILLE, 2016, pp. 188-189). No jornalismo de informação (início do século XX), segundo os autores canadenses, o jornal objetiva esclarecer o leitor sobre o real, estabelecendo, para isso, certa distância dos fatos. “Esse tipo de jornalismo se considera servidor do real: a atualidade deve ser relatada o mais rápida e exaustivamente possível” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 198). Na contemporaneidade, no entanto, a realidade é, a todo tempo, criticada e ressignificada pelos sujeitos – “o real não é apenas objetivado, mas relativizado” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 199), o que impacta no modo como, no jornalismo de comunicação, este real será apreendido. Neste paradigma que se apresenta, “os jornalistas estão conscientes de poder ‘criar’ algo real a partir do real, por exemplo, escolhendo o ângulo sob o qual abordar as ocorrências (...) ou ainda se interessando por partes menos evidentes do real, como as ‘vivências’ das pessoas comuns” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 199).

Acreditamos que a análise empreendida à reportagem selecionada é apenas um ensaio diminuto dentro do universo de investigações que a valorização da subjetividade em produtos jornalísticos nos apresenta. A subjetivação, ao atravessar texto e práticas discursivas, revela-se elemento não apenas constituinte, mas transformador no contexto do paradigma do jornalismo de comunicação (CHARRON; BONVILLE, 2016), a demandar revisões de princípios e práticas ora fundantes do campo jornalístico, como a ideia da objetividade como modelo normativo e hegemônico.

Parece-nos, portanto, pertinente investir em estudos que sigam percebendo esses novos modos de apreensão do real a partir da alternância entre objetivação e subjetivação nos textos jornalísticos, e também ao longo de suas etapas de produção (ponderando que é possível produzir, apurar e editar de forma mais ou menos objetiva/subjetiva, como a reportagem de Melquíades nos suscita). Pressupondo ainda que não só o jornalista opera objetivação e subjetivação, é salutar ainda aprimorar a percepção do produto jornalístico enquanto construção coletiva, identificando os diversos narradores que o co-constroem (MOTTA, 2013).

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas: magia, técnica, arte, política**. V 1. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. Editora Companhia das Letras, 2000.
- CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- KRETTE JÚNIOR, W. **Perspectivas Históricas do Jornalismo** - Do Literário ao New Journalism chegando à polêmica do Jornalismo Gonzo. In: I CONGRESSO DE HISTÓRIA DA MÍDIA DO SUDESTE - MEMÓRIA, ESPAÇO E MÍDIA, 2010, SÃO PAULO. I Congresso de História da Mídia do Sudeste, 2010.
- LACERDA, L. M. O jornalismo gonzo: um possível diálogo entre Hunter S. Thompson e Arthur Veríssimo. In Anais. 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.
- JAPIASSÚ, Hilton. **O Mito da Neutralidade Científica**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- JÚNIOR, Melquíades. **Abraçado comigo 'Rodrigue' dizia: 'mãinha, não me deixe morrer'**. Diário do Nordeste, Fortaleza, 17 abr. 2013. Regional, p.3.
- _____. Diário Vale do Jaguaribe [Blog Internet]. **Centro de Referência da Saúde do Trabalhador será implantado em Limoeiro**. Fortaleza: Antônio Melquíades Júnior, 19 set. 2011. Disponível em: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/vale-do-jaguaribe/sem-categoria/centro-de-referencia-da-saude-do-trabalhador-sera-implantado-em-limoeiro>>. Acesso em: 28 jul. 2016.
- _____. **TRT mantém decisão que condena multinacional**. Diário do Nordeste, Fortaleza, 14 nov. 2014. Cidade. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/trt-mantem-decisao-que-condena-multinacional-1.1150525>>. Acesso em: 29 jul. 2016.
- MEDINA, Cremilda. **Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo: Summus, 2014.
- _____. Criador da assinatura coletiva ou artífice do diálogo social. In: MOURA, Dione et al. **Jornalismo e literatura: Aventuras da memória**. Brasília: Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2014.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora da Univer-

cidade de Brasília, 2013.

PENA, F. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. IN Revista Contracampo, UFF. Rio de Janeiro, 2007.

RITTER, E. **Parresía jornalística**: a coragem da verdade no jornalismo literário. In. Imaginário, Sociedade e Cultura: diálogos transversais e Comunicação. Santos Ruy, K., Sifuentes, L. Porto Alegre: Edipucrs, 2016.

THOMPSON, H. S. **A grande caçada aos tubarões**: histórias estranhas de um tempo estranho. Rio de Janeiro: Conrad do Brasil, 2004.

WOLFE, T. **El Nuevo Periodismo**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1976.